

1. Premissas Gerais

1.1 Perspectivas Sociodemográficas

As mudanças demográficas no Brasil têm se destacado pela rapidez com que elas vêm ocorrendo. A população brasileira vem crescendo a taxas cada vez menores, tendência que se manterá nos próximos anos. Com isso, espera-se que a contribuição demográfica no PIB diminua já na próxima década.

No horizonte decenal estima-se que a população brasileira cresça a uma taxa média de 0,6% a.a. (EPE, 2015) Com isso, em 2026, o país passará a ter 220 milhões de habitantes, com um acréscimo, no período, de aproximadamente 13 milhões de pessoas (Gráfico 1).

Com relação ao perfil regional da população brasileira, o maior crescimento ocorrerá nas regiões Norte e Centro-Oeste. Esse crescimento, contudo,

não é capaz de induzir a uma mudança significativa da distribuição demográfica, que continua fortemente concentrada nas regiões Sudeste (41,6%) e Nordeste (27,2%).

O número de domicílios particulares permanentes vem apresentando trajetória crescente em todas as regiões do país. Para os próximos 10 anos, espera-se uma continuidade desta trajetória. Em 2026, a expectativa é de que exista cerca de 78 milhões de domicílios no país, um aumento de 11 milhões em relação a 2016 (Gráfico 2). Como resultado deste aumento e de um menor crescimento da população, espera-se que ocorra no período uma redução do número de habitantes por domicílios. Projeta-se que essa relação diminua de 3,1 em 2017 para 2,8 em 2026.

Gráfico 1. Evolução da população brasileira e de domicílios

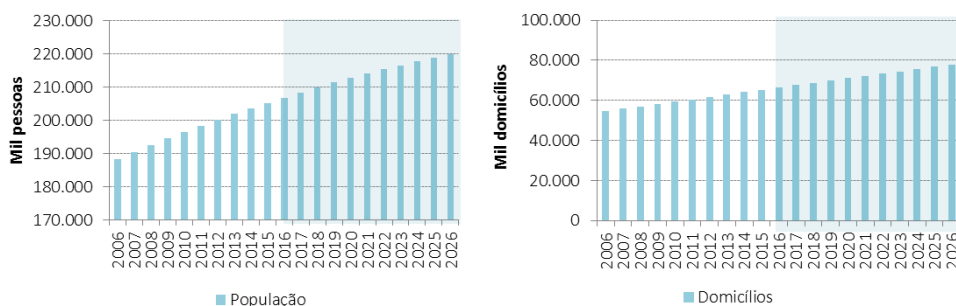
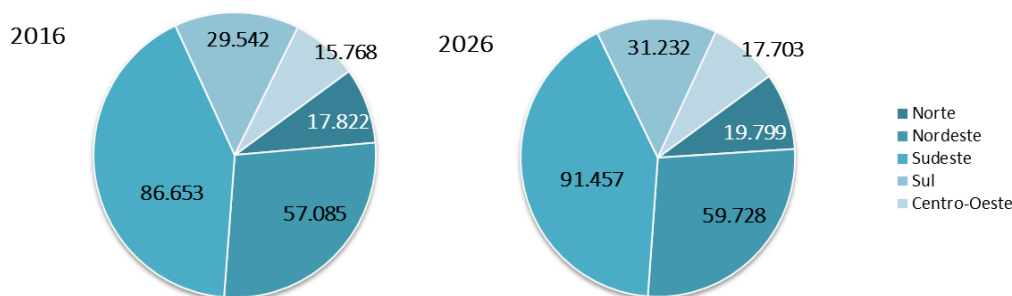


Gráfico 2. Evolução da população brasileira por regiões geográficas

Mil pessoas



1.2 Perspectivas Macroeconômicas

ECONOMIA INTERNACIONAL

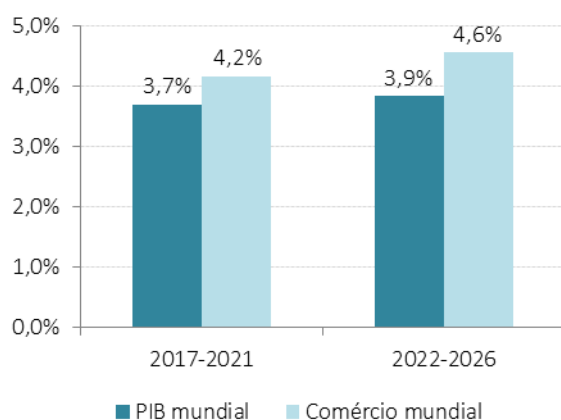
Nos próximos anos, muitas são as incertezas acerca do rumo a ser tomado no âmbito das relações internacionais e quais seus impactos em termos de crescimento econômico.

Nos países desenvolvidos, o cenário se tornou ainda mais conturbado pelos movimentos políticos recentes, tais como a mudança na condução do governo dos Estados Unidos e a saída do Reino Unido da União Europeia. Além disso, os movimentos migratórios provocados pela intensificação dos conflitos internacionais aumentam a preocupação acerca dos impactos econômicos dessas mudanças.

Entre os países em desenvolvimento, as maiores incertezas se relacionam à evolução do preço das *commodities* e à capacidade da China em realizar um *soft landing* através de uma transição para uma economia pautada no mercado interno.

Considerando esse contexto e baseado em EPE (2017), espera-se que o crescimento econômico mundial cresça em torno de 3,8% ao ano em média na próxima década, enquanto o comércio mundial expande-se em média um pouco acima de 4% ao ano (Gráfico 3).

Gráfico 3. Projeções de crescimento médio do PIB e do comércio do mundo



Fontes: EPE e FMI.

ECONOMIA BRASILEIRA

A partir de meados de 2016, houve um movimento de recuperação de expectativas dos agentes, que pôde ser observado nos indicadores de confiança dos consumidores e dos empresários, mas não materializada nos indicadores econômicos. Em particular, as perspectivas de recuperação econômica no segundo semestre do ano passado foram frustradas e percebeu-se que a crise duraria mais que o esperado.

Pela ótica da oferta, a retração é disseminada nos três grandes setores da economia – agropecuária, indústria e serviços, com ainda elevado grau de ociosidade, o que acaba por retardar as tomadas de decisão de investimentos pelos empresários.

Uma das causas desse baixo desempenho dos setores produtivos é a demanda interna enfraquecida, explicada, sobretudo, pela deterioração do mercado de trabalho e do crédito mais restrito. Por outro lado, o setor externo vem apresentando resultados positivos. Em 2016, de acordo com dados do MDIC, o saldo de balança comercial bateu recorde de saldo na série dos últimos vinte anos.

Diante de um cenário de incertezas tanto na esfera nacional como global, é difícil prever quais serão os *drivers* que impulsionarão o crescimento (Ver Box 1).

No curto prazo, o melhor desempenho da economia mundial e a existência de capacidade ociosa são fatores que possibilitam a retomada do crescimento econômico brasileiro. Além disso, a convergência da inflação à meta permitirá a redução da Selic, o que pode ter impactos positivos sobre os componentes de demanda. Entretanto, as incertezas em relação ao cenário político e ao encaminhamento das reformas, podem limitar a recuperação dos investimentos em infraestrutura, comprometendo um crescimento mais robusto no médio prazo.

Há ainda que se considerar a expectativa de deterioração do mercado de trabalho no curto prazo e dos impactos de uma demanda enfraquecida sobre os setores produtivos voltados para mercado doméstico.

Além disso, a complicada situação dos estados e as renegociações das dívidas com a União podem prejudicar a realização do ajuste fiscal, limitando seus impactos sobre o crescimento econômico.

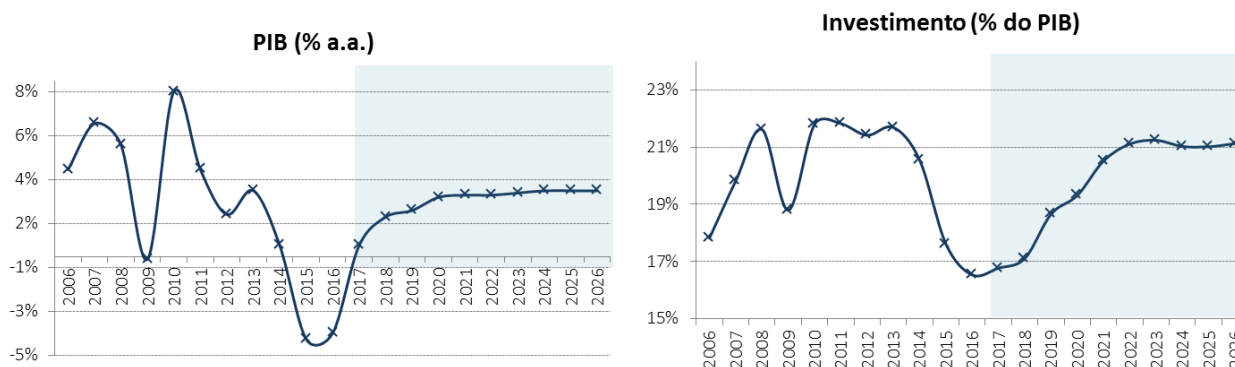
No médio e longo prazo, um crescimento econômico mais forte e sustentável exige uma maior capacidade de oferta da economia e menor restrição dos gargalos existentes. O país precisa expandir sua capacidade produtiva através de investimentos em

infraestrutura, melhoria da educação, avanços tecnológicos e qualificação profissional, além de melhorias em seu ambiente de negócios.

Entretanto, o crescimento potencial brasileiro seguirá limitado em virtude de algumas medidas necessitarem de um prazo maior para apresentarem seus efeitos e da retomada dos investimentos ser mais lenta no curto prazo.

Neste contexto, a expectativa é de que a taxa de investimento fique em torno de 21% do PIB em 2026, resultando em um crescimento econômico médio de 2,5% ao longo da década, conforme apresentado no Gráfico 4.

Gráfico 4. Evolução do crescimento do PIB e da taxa de investimento



Fonte: IBGE (dados históricos) e EPE (projeções).

BOX 1.1 - O QUE LEVARIA A UMA RETOMADA MAIS RÁPIDA DA ECONOMIA BRASILEIRA?

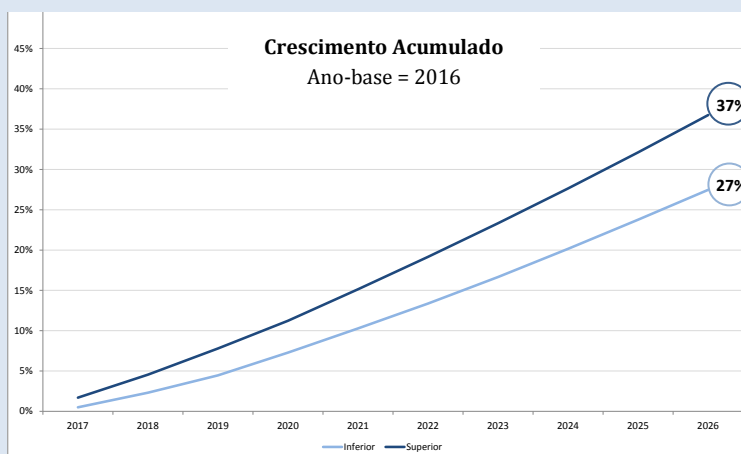
Diante das inúmeras incertezas com impactos muito significativos sobre as perspectivas de crescimento econômico, o trabalho de projeção de PIB nos próximos 10 anos se torna ainda mais difícil do que o habitual. Mesmo uma queda adicional em relação à projeção da trajetória apresentada anteriormente não pode ser totalmente descartada. No entanto, tendo em vista o objetivo deste documento, buscamos avaliar neste box os fatores que permitiriam uma retomada mais rápida da economia brasileira para níveis mais elevados de crescimento do PIB.

Em termos mais imediatos, o sucesso da política monetária no controle da inflação, resultando em melhor ancoragem das expectativas dos agentes no horizonte relevante, pode levar a uma redução dos juros básicos para um patamar de 1 dígito no futuro próximo, o que, aliada à liberação do FGTS das contas inativas, traz importante alívio no endividamentos de famílias e das empresas. Além disso, a alta capacidade ociosa da economia, com níveis elevados de desempregados e de utilização da capacidade na indústria pode ensejar uma eventual recuperação cíclica da economia, mas um crescimento mais sustentável no longo prazo dependeria de enfrentamento dos problemas mais estruturais da economia.

Um dos principais fatores seria criar um ambiente de maior previsibilidade e confiança, que poderia ser alcançado por meio de redução da instabilidade política, condução eficaz das contas públicas e realização de reformas econômicas. Em um contexto de maior credibilidade, os empresários tenderiam a ampliar seus investimentos, com impactos importantes sobre o crescimento econômico. Ao mesmo tempo, os consumidores também seriam afetados, com melhorias nos mercados de trabalho e de crédito. Essa retomada da demanda interna teria reflexos diretos no setor produtivo brasileiro, sobretudo naqueles setores voltados ao mercado interno. Além disso, os investimentos em infraestrutura se tornariam mais atrativos, fazendo com que houvesse uma elevação destes. Com isso, haveria avanços significativos na solução dos gargalos de infraestrutura, reduzindo o Custo Brasil, o que aumentaria a produtividade da economia brasileira e tornaria os produtos nacionais mais competitivos no mercado internacional.

Nesse cenário, a expectativa para os próximos dez anos é de crescimento médio de 3,2% a.a., (contra 2,5% a.a. – Gráfico 5) acumulando um crescimento de 37%.

Gráfico 5. Trajetórias de crescimento econômico



Taxa de Crescimento do PIB	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026
Referência	0,5%	1,8%	2,1%	2,7%	2,8%	2,8%	2,9%	3,0%	3,0%	3,0%
Sucesso	1,7%	2,8%	3,1%	3,2%	3,5%	3,5%	3,5%	3,5%	3,5%	3,5%

1.3 Perspectivas Econômicas Setoriais

O ano de 2016 foi marcado por um desempenho negativo em todos os setores econômicos.² Cabe destacar que a indústria deverá fechar o ano com taxa negativa pela terceira vez consecutiva, desde 2014, com desempenho negativo disseminado por todos os segmentos, com apenas alguns setores apresentando taxas positivas, como alumínio e setores ligados ao agronegócio, como celulose, produção de açúcar e fabricação de adubos e fertilizantes.

O fraco desempenho da indústria contribuiu para a redução da participação desse segmento no PIB nacional, movimento que já vem sendo observado nos últimos 20 anos. De acordo com o IBGE, em 1996 a participação da indústria no Valor Adicionado era de 30%, enquanto em 2016 foi de cerca de 25%.

Esse processo é compatível com o comportamento esperado de maturação industrial, como ocorreu em alguns países desenvolvidos. No entanto, nas economias desenvolvidas esse movimento foi acompanhado pelo crescimento nos setores de serviços modernos, cujas atividades se relacionam com a produção industrial, como *marketing*, telecomunicações, desenvolvimento de *softwares*, etc. No Brasil, entretanto, essa mudança se deu com crescimento de setores primários e de atividades mais básicas de serviços, com mão-de-obra pouco qualificada e de baixo recurso tecnológico. Dessa forma, os setores da indústria e de serviços ainda têm muito a avançar na direção do fortalecimento de cadeias produtivas com produtos de maior valor agregado.

Na elaboração do cenário econômico, considerou-se que o entrave ao crescimento vem de duas frentes: a primeira, conjuntural, é relativa à crise econômica iniciada em 2014 e à capacidade de reversão desse cenário, com retomada do crescimento aos níveis pré-crise; a segunda, de

cunho estrutural, refere-se aos gargalos logísticos e de infraestrutura, além da baixa qualificação de mão-de-obra e ausência de políticas industriais na direção do desenvolvimento de atividades de maior valor agregado e maior competitividade internacional, a fim de gerar altas taxas de crescimento vigoroso e sustentado.

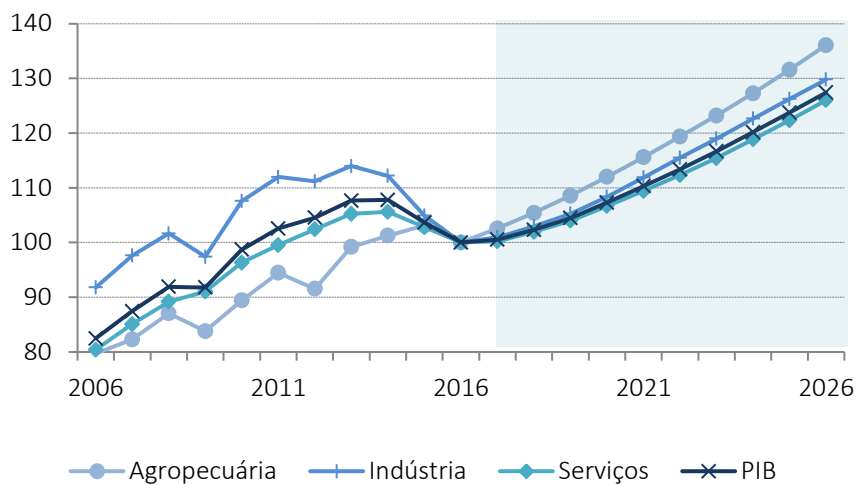
Neste estudo, considera-se que a retomada do crescimento se dará mais fortemente ao final do primeiro quinquênio. A fraca demanda permanecerá nos primeiros anos, decorrente da maior persistência do desemprego, das restrições de crédito e da baixa confiança dos consumidores e investidores. Isso levará a um crescimento mais fraco de setores dependentes do mercado interno, como os serviços e setores da indústria de construção civil e alguns da transformação, como cimento, papel, e setores produtores de bens de consumo duráveis (veículos, eletrodomésticos) e de bens de capitais (produção de máquinas e equipamentos).

No segundo quinquênio, em razão da retomada da demanda interna e do excesso de capacidade ociosa existente, projeta-se maior crescimento da indústria, especialmente das indústrias de transformação e de construção civil. Setores primário-exportadores, como a agropecuária e alguns setores da indústria extrativa (minério de ferro e petróleo) e de transformação (como celulose), serão beneficiados pela competitividade natural brasileira e apresentarão crescimento mais vigoroso ao longo de todo o horizonte. Dessa forma, o crescimento será puxado mais fortemente por setores primário-exportadores, enquanto a indústria mais intensiva em bens de capital (transformação, construção civil) e serviços apresentarão um crescimento mais modesto.

² Até o momento do fechamento deste capítulo, ainda não haviam sido divulgadas as Contas Nacionais Trimestrais do quarto trimestre.

Gráfico 6. Evolução do crescimento do PIB setorial

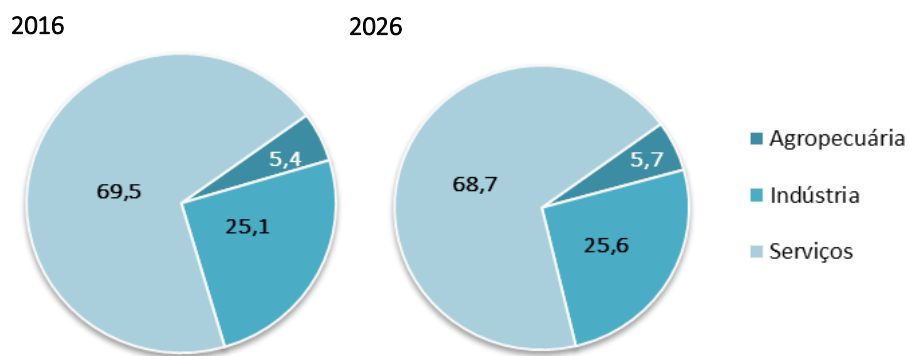
2016 = 100



Fonte: IBGE e EPE (projeções).

Gráfico 7. Evolução das participações setoriais no PIB

% do PIB



Fonte: IBGE e EPE (projeções).

AGROPECUÁRIA

O Brasil é um grande player no comércio mundial de *commodities* agrícolas, sendo um dos líderes mundiais em produção de soja, milho, café e carne bovina.

Projeta-se que a demanda por alimentos e bioenergéticos (como etanol e biodiesel) nos próximos anos continuará expandindo em função do crescimento populacional, do aumento da renda mundial e da evolução das políticas energéticas na direção de fontes mais limpas e sustentáveis.

O País tem boas condições de atender essa demanda, fazendo parte de um seleto grupo de países com disponibilidade de terra capaz de viabilizar esse crescimento, inclusive pela liberação de terras promovida pelos ganhos de eficiência na pecuária, hoje de perfil majoritariamente extensiva.

Para o horizonte de dez anos, estima-se um crescimento da ordem de 35% na produção de soja em grãos, 24% da produção de milho, 29% da produção de café e 21% da produção de carne bovina, segundo relatório do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA (2016).

As exportações desses bens deverão crescer 40%, 52%, 28% e 36%, respectivamente, nesse horizonte. Projeta-se no período um crescimento médio do setor agropecuário de 3,1% a.a., consideravelmente acima da média do PIB, ganhando participação na economia brasileira e no comércio mundial de alimentos.

SERVIÇOS

Nos últimos dois anos, o setor de serviços registrou as primeiras taxas negativas de crescimento desde o início da série histórica em 1996, revertendo a tendência de crescimento vigoroso de 3,6% a.a. em média observadas nos últimos anos (2006-2014).

Esse resultado é fruto da retração da demanda interna, decorrente da crise e do aumento do desemprego, que, associado a altas taxas de inflação e juros, atuaram para a deterioração da massa salarial e do poder de compra dos agentes,

com consequente aumento do endividamento das famílias.

No horizonte de estudo espera-se uma reversão desse quadro em meados do primeiro quinquênio, com uma trajetória de elevação suave da renda e do consumo das famílias, seguida por um crescimento mais vigoroso no segundo quinquênio. Para o horizonte decenal, estima-se um crescimento com média de 2,3% a.a.

INDÚSTRIA

Em relação à indústria, considera-se que o setor crescerá a uma taxa média de 2,6% a.a., puxada pelo bom desempenho da indústria extrativa mineral e, uma vez recuperada a demanda, pela retomada das indústrias de transformação e construção civil, ao longo do horizonte.

Considerando-se que, segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI, 2017) o nível de utilização da capacidade ociosa atingiu 76,6% em novembro de 2016, entende-se que há possibilidade dessas indústrias retomarem sem que haja esforços significativos em investimentos.

Projeta-se um crescimento médio de 4,8% a.a. para a indústria extrativa em função da sua boa competitividade no mercado internacional e da expectativa de crescimento da demanda por minério de ferro e petróleo, tanto interna (a partir do segundo quinquênio), quanto mundial, considerando principalmente a recuperação do crescimento nos EUA e na Europa, e que a China continuará crescendo a altas taxas, embora em um ritmo menor que o anterior.

Em relação ao setor de construção civil e infraestrutura, espera-se que o setor reverta o quadro negativo recente e volte a crescer ao final do primeiro quinquênio, atingindo um crescimento médio de 2,3% a.a. Tal setor apresenta grande potencial de crescimento, em decorrência do grande déficit habitacional e da precariedade da infraestrutura, quando comparado a países desenvolvidos, e mesmo alguns emergentes como a China.

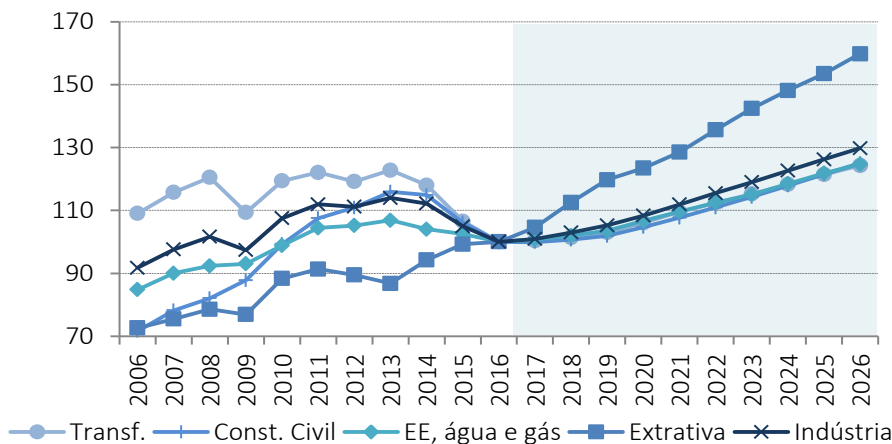
No caso da indústria de transformação, o forte impacto sofrido pela crise gerou um excesso de capacidade ociosa que permitirá uma expansão da produção sem necessidade de grandes investimentos no setor. A magnitude e a velocidade dessa retomada acompanharão o ritmo de reaquecimento da economia. Projeta-se um crescimento médio de 2,2% a.a.

considera-se que haverá um crescimento natural em função do aumento do acesso da população ao saneamento básico e do uso da energia na atividade da indústria e dos serviços, além do perfil de consumo das famílias, com mais pessoas tendo acesso aos itens da “linha branca” (geladeira, fogão, etc.) e outros equipamentos eletroeletrônicos. No horizonte decenal, projeta-se um crescimento de 2,2% ao ano.

Por fim, em relação ao setor de produção e a distribuição de eletricidade, de água e de gás,

Gráfico 8. Evolução do PIB dos setores industriais

2016 = 100



Fonte: IBGE e EPE (projeções).

PONTOS PRINCIPAIS DO CAPÍTULO

> A população brasileira vem crescendo a taxas cada vez menores, tendência que se manterá nos próximos anos.

> Nossa expectativa é que o crescimento médio do PIB nacional seja de 2,5% ao ano ao longo dos próximos 10 anos.

> Há incerteza considerável na projeção de crescimento do PIB, em particular no seu crescimento potencial. Embora uma recuperação cíclica no curto prazo seja possível pelos efeitos da redução da taxa básica de juros e alto nível de ociosidade na economia, um crescimento sustentado mais elevado dependeria do enfrentamento de problemas estruturais complexos.

> Em termos setoriais, nossa expectativa é que o crescimento econômico seja puxado mais fortemente por setores primário-exportadores, enquanto a indústria mais intensiva em bens de capital (transformação, construção civil) e o setor serviços apresentem um crescimento mais modesto.